

Construção verbo + locativo (VLOC): uma análise centrada no uso

Verb + locative construction (VLOC): an analysis focused on use

Maria Alice Linhares Costa¹
Gessilene Silveira Kanthack²
Valéria Viana Sousa³

Resumo: Neste artigo, descrevemos os padrões instanciados pela construção VLoc procedural e analisamos as propriedades formais e funcionais que os caracterizam numa amostra do português brasileiro contemporâneo. Partimos da hipótese de que esses padrões só podem ser captados se levarmos em consideração o uso da língua em situação efetiva de comunicação, como defende a Linguística Funcional Centrada no Uso. Para tanto, recorreremos a 40 entrevistas disponíveis no Banco de Dados do Projeto *A Brasília que não lê* (BORTONI-RICARDO, 2009). Por meio de pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; entre outros), explicamos que verbo e locativo evidenciam uma forte integração das subpartes e formam um pareamento de forma e sentido, passando a atuar no nível pragmático-discursivo, ora como modalizador, ora como marcador discursivo. Além disso, são usados para direcionar a dinâmica interacional: ora o foco está no falante, indicando subjetividade, ora no interlocutor, evidenciando intersubjetividade.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções. Construção VLoc.

Abstract: In this article, we describe the patterns instantiated by the procedural VLoc construction and we analyze the formal and functional properties that characterize them in a sample of contemporary brazilian portuguese. We start from the hypothesis that these patterns can only be captured if we take into account the use of language in an effective situation of communication, as advocated by Functional Linguistics Centered on Use. For that, we resorted to 40 interviews available in the Project *Brasilia that does not read* Database (BORTONI-RICARDO, 2009). Through assumptions of the Grammar of Constructions (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; among others), we explain that verb and locative evidence a strong integration of the subparts and they create a pairing of form and meaning, beginning to act at the pragmatic-discursive level, sometimes as a modalizer, sometimes as a discursive marker. In addition, they are used to direct the interactional dynamics: sometimes the focus is on the speaker, indicating subjectivity, sometimes it is on the interlocutor, showing intersubjectivity.

Keywords: Functional Linguistics Centered on Use. Construction Grammar. VLoc Construction.

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Ilhéus, BA, Brasil. Endereço eletrônico: m.alicelinhares@hotmail.com.

² Universidade Estadual de Santa Cruz, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações; Mestrado Profissional em Letras, Ilhéus, BA, Brasil. Endereço eletrônico: gskanthack@yahoo.com.br.

³ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil. Endereço eletrônico: valeriavianasousa@gmail.com.

Introdução

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), atualmente tem se destacado a chamada Gramática de Construções (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), uma vertente teórica cognitivista que defende que a linguagem deve ser compreendida a partir de um modelo construcional, cuja unidade convencional simbólica básica da língua é a construção, concebida como um pareamento de forma e sentido (CROFT, 2001). Tal modelo vem sendo considerado bastante relevante para interpretar padrões mais integrados de usos linguísticos, já que aspectos formais e funcionais são igualmente importantes (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016) e devem ser levados em conta na descrição de novos padrões que emergem nas práticas efetivas da língua.

Como exemplos desses padrões, encontramos as microconstruções instanciadas a partir da construção formada por verbo + locativo (daqui em diante VLoc), configurando-se em uma unidade de forma e sentido, cujo significado não pode ser apreendido pela simples soma dos significados desempenhados por cada um dos itens linguísticos. Os excertos em (1) e (2) ilustram dois desses padrões, sendo, respectivamente, um, instanciado pelo verbo *saber* e o locativo *lá*, e outro, pelo verbo *esperar* e o locativo *aí*:

- (1) (114) Arthur Ferreira - Lá o padre lia pra vocês. Vocês entendia o que ele falava?
(115) Sr. P. J. - Intindia nada! Nada! Eu num intindia bulufa ni'uma.
(116) Arthur Ferreira - Não? Era latim que eles falava era? Ou era português que ele falava?
(117) Sr. P. J. - Eu *sei lá*, eu nem lembro mais como é que era moço! (SR. P. J. A *Brasília que não lê*. 05 ago. 2009).⁴
- (2) (62) Arthur Ferreira – E em setenta e cinco você trabalhou de pedreiro, você trabalhou em alguma obra conhecida aqui em Brasília?
(63) Sr. J. R. – Trabaiei muntu, ni Conjunto Nacional, in varus lugar, na Americana, varus orgu, Bancu du Brasil, foi no Bancu du Brasil foi depois de setenta i seis, Bancu du Brasil, trabaiei muntu tempu, foi uns, trabaiei mais o menus us patru cincü anus, uns cincü, *pêra aí*, [E] no Conjuntu Nacional tambeim foi muntu tempu. (SR. J. R. A *Brasília que não lê*. 06 abr. 2009).

⁴ Os exemplos serão identificados assim: iniciais dos nomes dos entrevistados antecedidos pela abreviatura do pronome de tratamento; o nome do projeto que possibilitou a realização das entrevistas; data e ano da realização da entrevista.

Em (1), o uso de *sei lá* indica que, ao ser questionado sobre um fato passado vivenciado em sua cidade natal, o Sr. P. J. não sabe/não tem certeza se os padres falavam em latim ou em português, sendo a ideia reforçada pelo período subsequente: *eu nem lembro mais como é que era moço!* Já, em (2), ao listar as principais obras conhecidas em Brasília onde trabalhou, o Sr. J. R. recorre à construção *pera aí* para suspender o que estava sendo dito a fim de acrescentar a informação de que também tinha trabalhado por muito tempo no Conjunto Nacional.

Em ambas as situações, a construção VLoc desempenha a função procedural, pois, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), veicula conteúdo gramatical, voltado para o estabelecimento de relações textuais mais amplas. No caso de (1), a construção *sei lá* está sendo usada como um modalizador, uma estratégia linguística acionada pelo falante para expressar o seu ponto de vista em relação ao que está sendo dito. Trata-se de um modalizador epistêmico, que, conforme Neves (2000, p. 245), serve para asseverar, “marcar uma adesão do falante ao que ele diz, adesão mediada pelo seu saber sobre as coisas”. Na situação retratada, ao usar o *sei lá*, o falante demonstra não saber sobre o fato em questão, indicando, portanto, um baixo grau de adesão ao que diz.

No caso de (2), a construção *pera aí* desempenha a função de marcador discursivo, um elemento linguístico usado para direcionar o processamento do discurso. O falante, no caso o Sr. P. J., ao usar a construção, sinaliza ao interlocutor de que ele deve compreender que não trabalhou muito tempo apenas no Banco do Brasil, mas também no Conjunto Nacional. Na concepção de Teixeira (2015, p. 46), marcadores discursivos “são, basicamente, elementos linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, ou seja, são constituintes não referenciais que fazem relações entre componentes/partes/itens do discurso”.

Embora padrões desse tipo já tenham sido estudados no âmbito da LFCU, a exemplo de Teixeira (2010), Oliveira e Santos (2011), Rosa (2012) e Teixeira (2015)⁵, entre outros, acreditamos que, dada a dinâmica da língua, novos padrões emergem e, naturalmente, podem evidenciar propriedades que ainda não foram analisadas. Nesse sentido, a fim de ampliar o que esses autores já investigaram, bem como contribuir com as descrições já feitas à luz da Gramática de Construções, realizamos uma pesquisa⁶ com o objetivo de descrever os padrões

⁵ Teixeira (2010) investigou o uso das expressões *vá lá* e *vamos lá*; Oliveira e Santos (2011) analisaram o uso da construção *sei lá*; Rosa (2012) tratou das expressões *espera aí* e *espera lá*; Teixeira (2015), num enfoque construcional, tratou especificamente de marcadores discursivos formados de verbo e locativo.

⁶ Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

instanciados pela construção VLoc procedural no português brasileiro contemporâneo, bem como analisar propriedades formais e funcionais que os caracterizam.

Para isso, utilizamos, um *corpus* de língua falada, especificamente 40 entrevistas disponibilizadas no Banco de Dados do Projeto *A Brasília que não lê* (desenvolvido pela profa. Dra. Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo, no período de 2009-2011)⁷. Optamos pela língua falada porque, no momento da interação, é planejada e replanejada, podendo favorecer o uso de construções com funções procedurais. A escolha do *corpus* se justifica, também, pela natureza do gênero textual que ele veicula, a entrevista, que, por sua vez, possibilita elevado grau de interação entre os sujeitos envolvidos.

Numa abordagem teórica, como a da LFCU, que preconiza a análise de fenômenos linguísticos a partir do uso concreto da língua (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), os contextos de interação, falados ou escritos, são *locus* fornecedores de construções que evidenciam a natureza dinâmica do sistema linguístico. Nesse tipo de contexto, fatores pragmáticos como subjetividade e intersubjetividade favorecem a criação/adaptação de formas e funções para atender aos propósitos comunicativos. Conforme Traugott e Dasher (2002), a subjetividade é um processo que tem como foco um sujeito que desenvolve uma visão subjetiva dos fatos, e que, na interação, procura representá-la, de modo a marcar suas perspectivas e atitudes. A intersubjetividade, por sua vez, direciona o foco para o interlocutor, num processo que o coloca como participante do evento.

Uma vez que as construções VLoc que analisamos atuam e operam no plano da organização e do processamento do discurso, as expectativas são: (i) diferentes padrões são instanciados pela construção VLoc, sendo eles determinados pela natureza semântica dos verbos que ocupam o *slot* de V, no caso, o espaço destinado para o preenchimento do verbo na referida construção; (ii) os padrões instanciados revelam que verbo e locativo constituem uma unidade de forma e sentido, isto é, só podem ser interpretados conjuntamente; (iii) são usados com funções pragmático-discursivas, tais como a de modalizador e de marcador discursivo; (iii) atuam como recursos linguísticos para expressão da subjetividade e da intersubjetividade.

Para fins práticos, o artigo está organizado em três seções: na primeira, expomos um recorte de pressupostos defendidos pela Gramática de Construções; na segunda, apresentamos a nossa amostra com a análise qualitativa dos padrões da construção VLoc procedural; na

⁷ Nesse projeto, a autora registrou histórias de vida de pessoas não-alfabetizadas residentes no Distrito Federal.

terceira, articulamos pressupostos construcionais à análise dos padrões investigados. As considerações finais e as referências encerram o artigo.

Gramática de Construções: em foco o pareamento forma-sentido

Como o próprio nome diz, construções são o foco dessa perspectiva teórica, compreendidas, segundo Traugott e Trousdale (2013), como unidades simbólicas convencionais. São simbólicas porque são signos, resultantes de associações arbitrárias de forma e significado; são convencionais porque são usadas e compartilhadas na comunidade de fala; são unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático ou tão frequente que ele é estocado como um pareamento de forma-sentido na mente do usuário da língua.

Por pareamento, entende-se a forte ligação entre forma e sentido⁸, a qual Croft (2001) denomina de elo de correspondência simbólica, como indica a Figura 1:

Figura 1 - Modelo de estrutura simbólica da construção



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Nesse modelo, não há predomínio das propriedades da forma sobre as do sentido, nem o inverso. Todas elas estão interligadas e devem ser consideradas na análise de construções de uma língua.

Para essa abordagem, a linguagem deve ser compreendida como uma rede de construções que se inter-relacionam hierarquicamente, mantendo entre elas diferentes relações e graus de complexidade e de especificidades. Para a noção de rede, conceitos de nó e *links* são essenciais. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 51),

⁸ Os termos *significado* e *sentido* são utilizados, aqui, como sinônimos para se referirem a qualquer aspecto convencionalizado do eixo da função de uma construção, contemplando propriedades da situação descrita como também do discurso em que o enunciado está inserido.

[...] cada nó representa uma construção de algum tipo de abstração, ele generaliza através das características de uma construção. Portanto, um nó tem conteúdo de forma e significado (embora de graus variados de complexidade e especificidade – alguns podem não ser especificados) e *links* são possíveis em múltiplas direções diferentes entre a semântica, pragmática, função discursiva, sintaxe, morfologia e fonologia de qualquer nó. Cada nó é ligado a outros nós na rede de várias maneiras.

Os *links* por meio dos quais são estabelecidas as relações podem ser de dois tipos, segundo Goldberg (1995): de herança e relacionais.

Os *links* de herança dizem respeito às relações verticais entre as construções, ou seja, referem-se aos diferentes níveis esquemáticos, em que uma construção de nível mais baixo herda características de uma de nível mais alto. Já os *links* relacionais representam os diferentes modos em que os pareamentos de forma-sentido podem se relacionar entre si. Segundo Goldberg (1995), eles são de quatro tipos: a) *links* polissêmicos: referem-se às relações semânticas entre a extensão de sentido de uma construção e o seu sentido prototípico. Em outras palavras, esses *links* representam a ampliação da parte funcional de uma construção cuja parte formal se mantém, em decorrência de seu uso em novos contextos comunicativos; b) *links* por subparte: indicam a relação entre uma construção maior e de existência independente e a sua subparte; c) *links* por extensão metafórica: envolvem um mapeamento metafórico específico. Nesse caso, a construção que a princípio era utilizada no domínio concreto passa a ser utilizada em um domínio mais abstrato; d) *links* por instanciação: ocorrem quando uma construção em particular é um caso especial de outra.

Além das relações, numa rede construcional, é possível identificar as dimensões que envolvem as construções, e, segundo Traugott e Trousdale (2013), isso é feito por meio da análise de três fatores: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade é definida como “uma propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não”, portanto, “esquemas linguísticos são abstratos, grupos semanticamente gerais de construções, sejam procedurais ou de conteúdo” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.13). Nesse sentido, a esquematicidade está relacionada à capacidade cognitiva humana de abstrair, de fazer generalizações (criar esquemas – *bottom-up*) e instanciações (formar concretamente construtos a partir de esquemas – *top-down*), de modo que quanto mais esquemática for uma construção mais abstrata ela será e apresentará mais *slots* a serem preenchidos. As construções, por sua vez, podem ser mais ou menos esquemáticas, o que faz da esquematicidade um fator gradual.

A produtividade refere-se à extensão de padrões existentes que instanciam novos tipos de construções menos esquemáticas, isto é, diz respeito à quantidade de construções específicas que os esquemas mais abstratos conseguem instanciar (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Isso significa que, assim como ocorre com a esquematicidade, a produtividade também é um fenômeno gradiente, pois, do mesmo modo que as construções podem ser mais ou menos esquemáticas, elas podem ser mais ou menos produtivas, o que dependerá de suas frequências *type* e *token*. Segundo Bybee (2010), a frequência *token* diz respeito à quantidade de vezes que uma microconstrução ocorre numa determinada situação comunicativa, já a frequência *type*, ao número de diferentes microconstruções instanciadas por um mesmo padrão.

A composicionalidade, por sua vez, se refere ao grau de compatibilidade e incompatibilidade entre forma e significado no nível da construção. Esse fator se aplica tanto no âmbito semântico (o significado das partes e do todo) quanto no sintático (integridade morfossintática das subpartes). Assim, em termos semânticos, uma construção será, por um lado, mais composicional quando o significado das partes for recuperado no significado do todo; por outro, se a unidade não for composicional, o ouvinte poderá ter dificuldades para interpretar, pois haverá incompatibilidade entre o significado dos itens individuais e o significado do todo. Já, em termos sintáticos, significa dizer que ela será mais composicional quando mantiver as propriedades gramaticais de sua categoria fonte (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Os fatores produtividade e esquematicidade estão relacionados de tal modo que quanto mais esquemática for uma construção maior será a sua frequência *type*, isto é, com mais *slots* que podem ser preenchidos. O aumento da frequência *token* de uma construção pode torná-la convencionalizada e, uma vez que isso acontece, poderá servir de modelo para a criação de outras instâncias, aumentando a frequência *type* da construção.

Esses três fatores, esquematicidade, produtividade e composicionalidade, além de atuarem na formação da hierarquia construcional, funcionam também como variáveis de análise para atestar os processos de mudanças. Se um constructo for, por exemplo, mais esquemático, mais produtivo e menos composicional, o pressuposto assumido é o de que a mudança está consolidada ou em vias de ser consolidada. Se, por outro lado, o constructo for menos esquemático, menos produtivo e mais composicional, o pressuposto é o de que a mudança ainda está no nível da inovação (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Padrões VLoc em função procedural: a nossa amostra

No *corpus* pesquisado (40 entrevistas disponíveis no Banco de Dados do Projeto *A Brasília que não lê*, desenvolvido pela profa. Dra. Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo, no período de 2009-2011), registramos um total de 24 ocorrências⁹ da construção VLoc em sua função procedural. Nesse padrão, as microconstruções estão convencionalizadas numa ordem fixa, VLoc, sendo que verbo e locativo formam um pareamento de forma e sentido, estando os dois itens fortemente integrados, veiculando um único sentido e atuando no nível pragmático discursivo, ora como modalizador, ora como marcador discursivo.

Registradas as ocorrências, e tendo por base Teixeira (2015), as microconstruções foram classificadas a partir da semântica do verbo, totalizando cinco tipos diferentes de subesquemas: como modalizador e marcador (i) Verbo cognitivo (exprime conhecimento, crença ou julgamento) + locativo (V_{COGLoc}); apenas como marcadores: (ii) verbo suspensivo (denota suspensão temporária de ação) + locativo (V_{SUSPLoc}); (iii) verbo perceptivo (indica ação percebida através dos sentidos corporais) + locativo (V_{PERCLoc}); (iv) verbo estático (descreve estados e situações que não mudam com rapidez) + locativo (V_{ESTLoc}); (v) verbo de deslocamento (expressa movimentação de um lugar a outro) + locativo (V_{DESLLoc}).

Na função de modalizador, as microconstruções são utilizadas como uma estratégia linguística para expressar o ponto de vista do emissor em relação ao que está sendo dito. Nessa função, registramos o subesquema V_{COGLoc}, formado exclusivamente pelo verbo de natureza cognitiva *saber* e pelo locativo *lá*, como ilustra o exemplo em (3):

- (3) (14) Arthur Ferreira - A senhora é de qual cidade?
(15) Sra. R. - Eu sô da cidade di... di Ita... da TERRA DU CACAU!
(16) Arthur Ferreira - Qual é a terra du Cacau?
(17) Sra. R. - ItaBUNAS!
(18) Arthur Ferreira - Itabunas fica onde?
(19) Sra R. - Eu *sei lá* meu fi! Ai filhu eu num sei. (SRA. R. *A Brasília que não lê*. 29 mar. 2009).

Nesse caso, a entrevistada utiliza *sei lá* para expressar a sua incerteza em relação à localização de sua cidade natal. Metonimicamente, corresponde a *não sei*, o que é justificado

⁹ Embora o número de funções procedurais seja pouco acentuado, a pesquisa evidenciou que a construção VLoc instância diferentes microconstruções, sendo isso relevante para uma análise que contemple a linguagem como uma rede de construções que se inte-relacionam.

pelo enunciado seguinte: *Ai filhu eu num sei*. Ao utilizar a forma verbal em primeira pessoa do presente do indicativo, a falante marca o caráter subjetivo do que está sendo dito, complementado pelo *lá*, que indica imprecisão. Esse uso reflete um tipo de modalidade orientada para o falante, que, de acordo com Neves (2000, p. 247), é de natureza *asseverativa relativa*, pois “o conteúdo do que se diz é apresentado como uma eventualidade, como algo que o falante crê ser possível, ou impossível, provável, ou improvável”. Por isso, esse modalizador foi denominado de *asseverador relativo*.

Na função de marcador discursivo, encontramos VLoc funcionando como estratégia orientadora do discurso, “evidenciando, ao mesmo tempo, a presença do falante e a maneira pelo qual o interlocutor deve compreender a informação transmitida” (TEIXEIRA, 2015, p. 46-47). Assim como os modalizadores, os marcadores discursivos sofrem um processo de abstratização em função das composições que assumem. Registramos dez *types* formados pelos verbos *saber, esperar, ver, estar, ser, aguentar* e a locução formada pelos verbos *ir e chegar*, combinados com os locativos *aí* e *lá*, resultando, assim, em cinco subesquemas de marcadores discursivos. Em todos eles, a função é de ordem pragmática, pois “sinalizam relações discursivas em que se pode observar a postura do falante e a direção que o discurso dele pretende ser entendido ou, ainda, como o falante tenciona que a interação se encaminhe” (TEIXEIRA, 2015, p. 50-51).

O subesquema V_{COG}Loc, formado pelo verbo *saber* e pelo locativo *lá*, é ilustrado em (4):

- (4) (70) Sra. V. P. - Tudo quê é canto tem escola, cê sabe que tem! Tudo que é fazenda tem escola. O povo já tá mais até ficano mais caprichosos, né.
(71) Arthur Ferreira - Ah, é?
(72) Sra. V. P. – Fazê as coisa mais... *Sei lá!*
(73) Arthur Ferreira - Mais no seu tempo não tinha escola? (SRA. V.P. *A Brasília que não lê*. 29 mai. 2009).

Na situação, a senhora V. P. estava relatando sobre o fato de haver escola em todo lugar e o que isso impactava na vida do povo. Ela tenta esclarecer mais sobre esse impacto; no entanto, hesita em dizer o que pensa, um posicionamento marcado pela pausa (evidenciada pelas reticências) e pelo uso de *sei lá*, um recurso que coloca em cena a intersubjetividade, cabendo ao interlocutor compreender a informação transmitida. Denominamos esse marcador de *hesitação de opinião*.

O subesquema $V_{SUSPLOC}$ foi composto pelos verbos que indicam suspensão de ação, *esperar* e *aguentar*, e pelos locativos *aí* e *lá*. Seu uso está associado aos contextos em que o falante percebe a necessidade de interromper/refrear o processamento da informação a fim de corrigir algo, como se pode notar em (5) e (6):

(5) (08) Arthur Ferreira - Piauí, e a senhora nasceu quando?

(09) Sra. M. P. - Nasci no dia vinte de agosto de oite, de oitenta, *perai me confundi*. De sessenta e seis. (SRA. M. P. *A Brasília que não lê*. 17 nov. 2009).

(6) (136) Arthur Ferreira - Ah, então a siora mudou pra cá entre 95 ou 96!

(137) Sra. E. S. - Por a, *nã! Foi! Nã!* *Pêra lá... Guenta ai* qui eu vô lhis plicar. Eu entrei aqui, eu vim pra cá pru “P” norti, foi, foi im oi noven cincü, comu é não im oitentim cincü, não! Num foi in oitentim cincü não! Ni + Foi na foi não! im noventi seti eu entrei aqui, eu tava entranu, eu foi qui eu fichei nessa firma. In noventa e seti. (SRA. E. S. *A Brasília que não lê*. 04 abr. 2009).

Em (5), o entrevistador questiona quando a entrevistada nasceu e, ao responder, ela o faz de maneira equivocada, o que é reforçado pelo *me confundi*. Quando percebe o engano, a Sra. M. P. utiliza *perai* para estabelecer uma suspensão temporária no discurso a fim de corrigir a informação, o que é feito logo em seguida: *sessenta e seis*. Em (6), a falante utiliza duas expressões, *pêra lá* e *guenta ai*, ambas com caráter suspensivo. Na cena, o entrevistador esclarece sobre o ano em que a Sra. E. S. havia se mudado para Brasília. No primeiro momento, a falante parece concordar, *Por a*, mas logo percebe o engano, *nã! Foi! Nã!*, e recorre às expressões como estratégia para interromper o discurso e informar corretamente o ano da mudança: noventa e sete. Para esses usos, o marcador foi denominado de *refreador*.

O subesquema $V_{DESLLOC}$ foi formado por uma locução verbal, com verbos que indicam deslocamento, e o locativo *lá*:

(7) (118) Sr. A. - Ai, no, no, embalo que operei eu fiquei de reposo em casa, e ela fico trabalhanu na casa da mãe dela, levanu a Jackeline e trazenu, certo, e já tava grávida do Rodrigo.

(119) Arthur Ferreira - E como é foi é, a é os seus filhos aqui na escola em Brasília?

(120) Sr. A. - Então é o que 'u, tâmo, *vâmo chegá lá!* (SR. A. *A Brasília que não lê.* 06 abr. 2009).

Assim como em (5) e (6), a microconstrução em (7) é usada para refrear o discurso, por isso, também foi denominado de *refreador*. Diferentemente dos dois outros exemplos, em (7), funcionalmente, *vâmo chegá lá* pressupõe um deslocamento, dada a natureza dos dois verbos que indicam movimento; no entanto, não se trata de um deslocamento espacial, e sim discursivo, visto que o falante sinaliza para o interlocutor que ele pretende falar sobre a vida escolar dos seus filhos em Brasília assim que terminar de esclarecer sobre o que aconteceu quando ele foi operado. A microconstrução refreia, assim, a expectativa do interlocutor, demonstrando que o falante tem interesse de chegar ao ponto esperado.

O subesquema V_{PERCLOC} é constituído por um verbo de natureza perceptiva, *ver*, e pelo locativo *ai*. Para esse subesquema, encontramos duas microconstruções: *vê ai*, em (8), e *vejo ai*, em (9):

(8) (172) Arthur Ferreira - A senhora lembra quando veio prá cá pra Ceilândia?

(173) Sra. M. V. - Só sei que o meu menino, quando eu vim pra pra qui pro “P” Norte, meu menino tinha nove ano.

(174) Arthur Ferreira - É?

(175) Sra. M. V. - O mais velho.

(176) Arthur Ferreira - O mais velho tinha nove anos. Ah, sim!

(177) Sra. M. V. - A ota tinha, tinha, tinha doze. A mais velha tinha doze, meu filho. Então *vê ai* quantos anos... Eu num sei.

(178) Arthur Ferreira - Ah, então foi trinta anos atrás, setenta e nove. ((O setor “P” Norte da Ceilândia foi criado em 1979. E uma colega da Sra M. V. confirma.)) (SRA. M. V. *A Brasília que não lê.* 27 jul. 2009).

(9) (153) Sr. C. S. – incentivar o istudo pra pessoa, puque é a base da dada pessoa que num tem otos, otas renda otas coisa a istudá né, se pudesse incentivava a istudar né, as pessoas que, *vejo ai* muitos jovens tamém que tem condição de estuda abandona a iscola né, por carra de besteira, de coisa que num deve acontecer, por carra de num sei praque que ele deixa os istudo né? (SR. C. S. *A Brasília que não lê.* 12 abr. 2009).

Em (8), *vê aí* apresenta caráter injuntivo e exorta uma ordem: a entrevistada deseja que o entrevistador calcule, com base nos dados apresentados, a data em que ela havia se mudado para o setor “P” Norte da Ceilândia. Ao usar a microconstrução, a falante atribui responsabilidade ao interlocutor, que, de fato, faz os cálculos e chega à informação exata. Para esse uso, o marcador foi denominado *de exortação*.

Em (9), diferentemente, a microconstrução foi utilizada para introduzir uma constatação: a de que muitos jovens, que embora tenham condições de estudar, acabam abandonando a escola. O uso do verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo reforça o ponto de vista do falante, de que é preciso incentivar as pessoas a estudarem. Para esse caso, denominamos o marcador como sendo de *constatação*, pois “a informação posta na sequência sempre se relaciona ao contexto precedente a fim de atestar o discurso do falante” (TEIXEIRA, 2015, p. 233).

O subesquema V_{EST}Loc foi composto por verbos de natureza estativa, *ser* e *estar*, e o locativo *aí*. Os usos desse subesquema estão associados a contextos em que se estabelece uma ênfase na relação entre o que é dito anteriormente e uma constatação, de forma a destacar a opinião/argumento que aparece em sequência, como podemos observar em (10) e (11):

(10) (39) Sra. I. - Ainda aprendi a lê e escrever, ainda aprendi, achu que eu fazia 3 continha por aí, e só.

(40) Arthur Ferreira - Só, né?

(41) Sra. I. - Só, a minha vida *é aí!* Depois é... Pronto cabô se por aí, cabô escola cabô tudo. Fomu trabalhar todo mundo na roça e o que aparecesse prá fazer né? E pronto. [...] (SRA. I. *A Brasília que não lê*. 29 mar. 2009).

(11) (156) Maria Arnete: Bom, eu acredito que o que eu queria saber já tá ai. Muito Obrigada,

(157) Sr. O. F.: Por nada! *Estamos ai* por qualquer coisa. (SR. O. F. *A Brasília que não lê*. 19 abr. 2009).

Em (10), a entrevistada descreve o que aprendeu e, ao ser questionada, constata com o *é aí* que a sua vida se restringe apenas a ler, escrever e fazer três continhas, estabelecendo a relação entre esse fato e o argumento apresentado posteriormente (*Depois é... Pronto cabô se por aí, cabô escola cabô tudo*). Assim como a microconstrução *é aí*, em (10), *estamos ai*, em (11), tem seu uso favorecido pela relação contextual entre o que é dito anteriormente e o que é

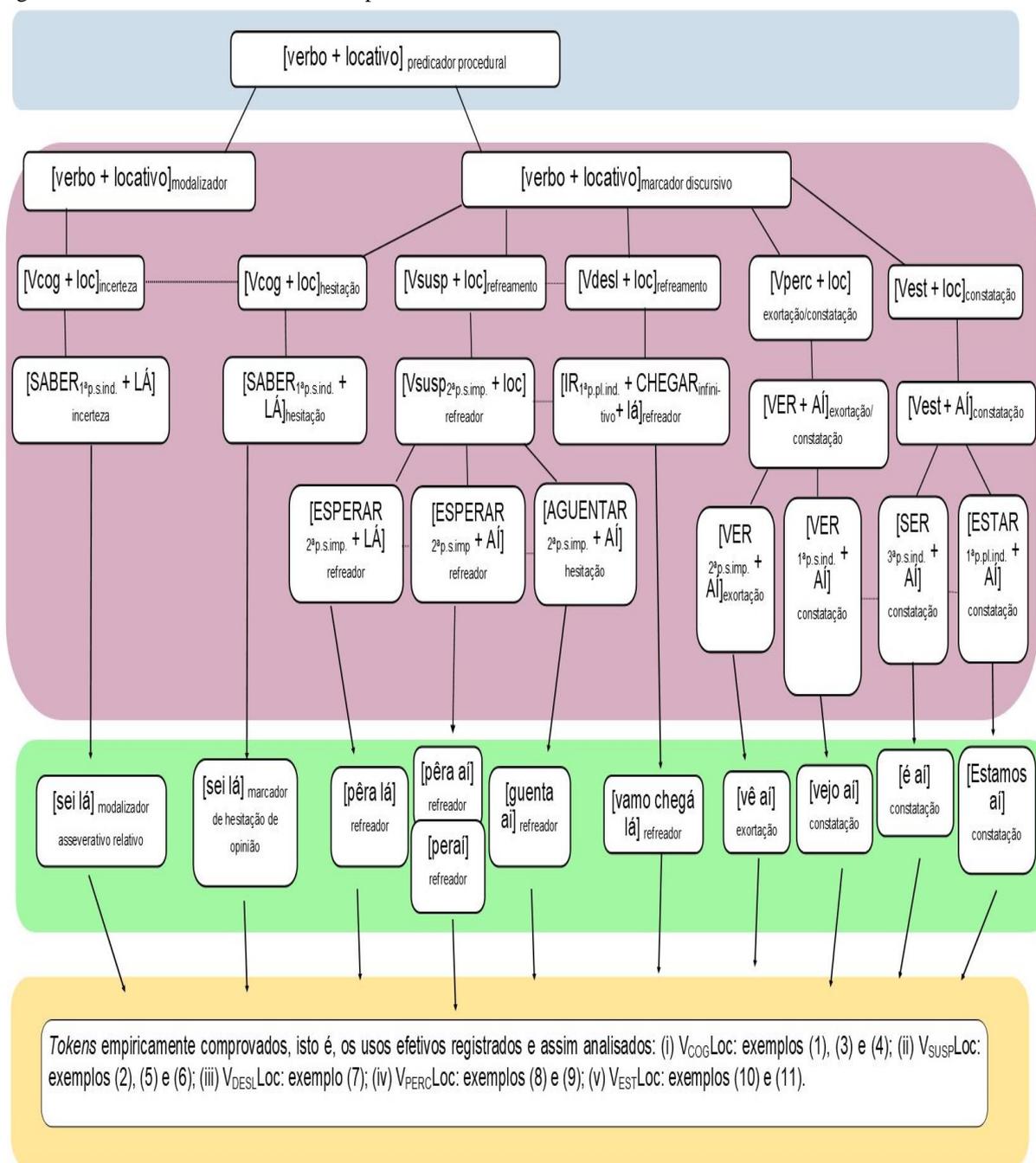
colocado em sequência. No caso, o Sr. O. F., ao utilizar o *estamos aí*, o faz com o intuito de afirmar que está à disposição de Maria Arnete, um sentido que é reforçado pela expressão *por qualquer coisa*. Nos dois casos, os usos das microconstruções estão associados à intenção comunicativa do falante, de constatar/reforçar o seu raciocínio: em (10), a respeito da sua vida escolar e, em (11), o fato de estar à disposição da entrevistadora caso ela precise retornar. Para esses casos, assumimos que o marcador é *de constatação*, assim como em (9).

Feitas as análises, constatamos: (i) diferentes padrões são instanciados pela construção VLoc; (ii) verbo e locativo constituem uma unidade de forma e sentido, isto é, as subpartes, verbo e locativo, não podem ser interpretadas isoladamente; (iii) as unidades formadas exercem funções procedurais, atuando no nível pragmático-discursivo: em nível macro, ora atua como modalizador ora como marcador discursivo, e, em nível micro, como asseverativo relativo, como marcadores de hesitação de opinião, de refreamento, de exortação e de constatação; (iv) as unidades são usadas para direcionar a dinâmica interacional: ora o foco está no falante, indicando subjetividade, ora no interlocutor, evidenciando intersubjetividade.

A construção VLoc procedural e sua rede construcional

Para a abordagem construcional, a língua é formada por uma rede de construções que se inter-relacionam e se afetam em maior ou menor grau, diretamente ou indiretamente. As relações são evidenciadas pelos nós e pelos *links*: nós, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 51) “[...] representam esquemas, outros subesquemas e outros *types* microconstrucionais”; *links*, conforme Goldberg (1995), permitem o compartilhamento de propriedades. A fim de explicar de que modo essa rede se manifesta com a construção VLoc procedural, apresentamos a Figura 2:

Figura 2 - Rede construcional de VLoc procedural



Fonte: elaboração própria.

Nessa Figura 2, representamos, no primeiro nível, identificado pela cor azul, o esquema mais geral e abstrato, [VLoc], composto por dois *slots*/espaços configuracionais: um para o verbo e um para o locativo.

No segundo nível, identificado pela cor roxa, relacionamos, primeiro, os dois grandes subesquemas – [Verbo + locativo] modalizador e [Verbo + locativo] marcador discursivo – e, depois, os padrões licenciados por cada um deles. Nesses padrões, especificamos, em primeiro lugar, a propriedade semântica do *slot* preenchido pelo verbo (V_{COG}Loc; V_{SUSP}Loc;

V_{DESL}Loc; V_{PERC}Loc; V_{EST}Loc), bem como as inferências pragmáticas registradas (incerteza, hesitação, refreamento, exortação e constatação); em segundo, elencamos os tipos de verbos (*saber, esperar, aguentar, ver, ser, estar*) e suas propriedades flexionais.

No terceiro nível, sinalizado pela cor verde, representamos as microconstruções, tipos individuais de construção cujos *slots* são totalmente preenchidos (*sei lá, pêra lá, pêra aí, perai, guenta ai, vâmo chegá lá, vê ai, vejo ai, é aí, estamos ai*) e que desempenham as microfunções (modalizador asseverativo relativo, marcadores de hesitação de opinião, de refreamento, de exortação e de constatação).

Por fim, no quarto nível, sinalizado pela cor laranja, indicamos os construtos, as ocorrências empiricamente atestadas, que estão devidamente identificadas pelos números dos exemplos.

Na rede construcional proposta, evidenciamos os *links* (cf. GOLDBERG, 1995), tanto vertical quanto horizontalmente. Analisando as relações verticais, os *links* de herança, percebemos que as microconstruções são geradas em sentido descendente (*top-down*), uma vez que herdam características dos subesquemas e, estes, por sua vez, se originam a partir do modelo convencionalizado, esquema superordenado e abstrato [VLoc].

Além das relações de herança, que acontecem entre níveis esquemáticos diferentes, as construções se relacionam entre si nos mesmos níveis hierárquicos. Notamos isso por meio dos *links* de polissemia e de subparte.

Como exemplos dos *links* polissêmicos, destacamos: (i) a ligação entre os subesquemas [V_{COG}Loc]_{incerteza} e [V_{COG}Loc]_{hesitação}, com o mesmo verbo, mas com extensão do valor semântico (incerteza > hesitação); (ii) a ligação entre os subesquemas [V_{SUSP}Loc] e [V_{DESL}Loc], com verbos diferentes, porém com o mesmo valor de refreamento; (iii) a ligação entre [V_{PERC}Loc] e [V_{EST}Loc], também com verbos diferentes, mas com o mesmo valor de constatação. Já o *link* de subparte pode ser observado no nível da microconstrução, entre *pêra aí* e *perai*, uma vez que correspondem ao seguinte percurso reducional: *espera aí > pêra aí > perai*.

Além dos *links*, notamos a possibilidade de mais de um verbo ocorrer no *slot* de um mesmo subesquema, gerando *types* diferentes, mas com funcionalidades similares. É o caso das microconstruções *pêra lá, guenta aí, pêra aí* e *perai*, que compartilham traços comuns tanto na forma (todas são constituídas por um verbo em segunda pessoa no imperativo + locativo) como no sentido (funcionam como marcador discursivo refreador).

Pela Figura 2, percebemos que o subesquema de marcador discursivo apresenta mais microconstruções do que a de modalizador, o que pode ser explicado por meio dos fatores

esquematicidade, produtividade e composicionalidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). A esquematicidade diz respeito ao grau de generalidade das propriedades formais e funcionais de uma construção. Em nossa amostra, por exemplo, em decorrência da expansão a outros contextos de uso, o subesquema marcador discursivo apresenta maior possibilidade de preenchimento dos *slots* ocupados por verbos e locativos variados que o subesquema modalizador, que foi instanciado apenas com o *type sei lá*.

A esse fator estão associados ainda os fatores produtividade e composicionalidade. O primeiro diz respeito à frequência e é diretamente proporcional à esquematicidade, pois, quanto maior for a possibilidade de preencher os espaços vazios, mais produtiva uma construção se torna, uma vez que diferentes *types* podem ser instanciados. Como vimos, o subesquema marcador discursivo instanciou 10 microconstruções: *sei lá, é aí, pêra lá, guenta aí, pêra aí, perai, vâmo chega lá, vê aí, vejo aí e estamos aí*.

Sobre o fator composicionalidade, isto é, o grau de transparência entre forma e significado, podemos afirmar que a microconstrução *sei lá* é mais composicional quando ela exerce a função de modalizador, que, como vimos, possibilita a alternância pelo equivalente *não sei*. Na função de marcador discursivo, é, portanto, menos composicional, já que não permite esse tipo de substituição.

Considerações finais

Tendo em vista os usos da construção VLoc em nossa amostra, podemos afirmar que os padrões instanciados por ela são de diferentes naturezas. Além do modalizador, cujos usos indicam uma asseveração relativa, pois apresenta uma menor adesão do falante ao que é dito, as microconstruções funcionam também como marcador discursivo, estratégia usada para estabelecer relações entre as partes do texto e orientar o curso da situação comunicativa. Nessa função, registramos quatro subfunções: hesitação, refreamento, exortação e constatação.

Em todas elas, verbo e locativo configuram uma unidade de forma e sentido, com perda de propriedades sintáticas dos verbos e locativos: verbo não seleciona argumento interno e o locativo, ainda que pós-verbal, não tem valor circunstancial. Houve ainda, em alguns casos, alterações morfológicas com perda de flexão modo-temporal e número-pessoa do verbo.

No que se refere à rede taxonômica, a construção VLoc, ao ter seus usos estendidos a outros contextos em prol das necessidades comunicativas, mostrou-se altamente produtiva na

função marcadora discursiva, pois instanciou 10 *types*: *sei lá, pêra lá, guenta aí, pêra aí, perai, vâmo chega lá, vê aí, vejo aí, é aí, e estamos aí*.

Nossos resultados ratificam o pressuposto de que os itens linguísticos não funcionam sozinhos, ao contrário, apresentam relações formais e funcionais que só podem ser captadas se considerarmos outros fatores conjuntamente. No caso da construção que analisamos, ela constitui um pareamento de forma e de sentido, que não se enquadra, por exemplo, em categorias rígidas e discretas, como as que encontramos nas gramáticas de orientação normativa. Reconhecemos, assim, a necessidade de descrições e análises como as que apresentamos neste artigo, pois, com elas, podemos rever a natureza das categorias linguísticas, bem como refletir sobre padrões que emergem e que passam a fazer parte da língua.

Referências

- BORTONI-RICARDO, S. M. **A Brasília que não lê**. 2009. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/projetos/a-brasilia-que-nao-le/category/20-banco-de-dados>. Acesso em: mai. 2019.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013. p.13-39.
- GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, L. P. Padrões de uso da expressão *sei lá* no português. **Signótica**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 363-384, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/17529>. Acesso em: mar. 2020.
- ROSA, F. S. **As expressões *espera aí* e *espera lá* na perspectiva da gramaticalização**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e a abordagem construcional da gramática. **ALFA**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007/5854>. Acesso em: abr. 2018.

TEIXEIRA, A. C. M. **Padrões de uso de *vá lá* e *vamos lá* na norma brasileira do português**: micro-construções e gramaticalização. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

TEIXEIRA, A. C. M. **Construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre as autoras

Maria Alice Linhares Costa (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-1063-2514>)

Mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); graduada em Letras - Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela mesma instituição.

Gessilene Silveira Kanthack (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-1352-436X>)

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Realiza estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É professora do curso de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Valéria Viana Sousa (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-8243-9281>)

Doutora em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); especialista em Língua Portuguesa pela PUC-MG; graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras da UESB.

Recebido em junho de 2020.

Aprovado em agosto de 2020.